

# Capítulo

# 2

## A estratégia enquanto categoria do conflito

### 47 – A utilidade de uma classificação

A estratégia está tradicionalmente associada à guerra. Somente durante os últimos decênios é que esta união, que parecia indissolúvel, foi posta em questão, até culminar, como já foi visto, com o aparecimento de novas categorias e um desmembramento do conceito. Uma tentativa de identificação é apenas provisória e aproximativa: a própria realidade é ambígua ao ponto de resistir a uma definição unívoca. A melhor abordagem parece ser, por consequência, o recurso à **taxonomia**, isto é, a classificação de todos os conceitos similares a fim de situar a estratégia na estrutura político-militar.

### SEÇÃO I – A TRILOGIA CLÁSSICA

### 48 – A formação da trilogia

A necessidade de uma hierarquização dos níveis da arte da guerra tornou-se visível desde a formação do pensamento estratégico. Os gregos já separaram a *taktika* da *strategia*. Jomini distinguia a tática do detalhe da grande tática ou tática dos exércitos. Dietrich von Bülow propôs uma distinção, retomada com frequência sob diversas formas:

Eu denomino estratégia os movimentos de guerra de dois exércitos fora do arco visual recíproco ou, se quiser, fora do efeito do canhão.  
A ciência dos movimentos que se fazem na presença do inimigo, de maneira que possa ser visto por ele e alcançado por sua artilharia, esta ciência é a Tática.<sup>1</sup>

A concepção esboçada desde o início do século XIX e, em seguida, adotada universalmente, estabelece uma **trilogia**: a política fixa os propósitos da guerra dentro do contexto do

---

1. Dietrich von Bülow. *L'Esprit du système de guerre moderne*. Paris, Magimel, 1801. p.54.

governo do país; a estratégia se situa na guerra. Ela emprega os meios militares para realizar os propósitos fixados pela política; abaixo dela, a tática emprega as forças dentro do quadro da própria ação violenta.

## 49 – A política fixa os propósitos de guerra

Esta é a idéia expressada com força por Clausewitz desde as primeiras páginas do seu tratado: “*O objetivo político, como móbile inicial da guerra, fornecerá a dimensão do propósito a alcançar pela ação militar, assim como os esforços necessários*”<sup>2</sup>. Esta idéia central dá origem à célebre “fórmula”, repetida constantemente:

A guerra é uma simples continuação da política por outros meios<sup>3</sup>. A guerra não é somente um ato político, mas um verdadeiro instrumento político, uma busca intensa das relações políticas<sup>4</sup>, uma realização destas por outros meios<sup>5</sup>.

Os herdeiros de Clausewitz vão mostrar-se infiéis à sua herança. O Estado-Maior Geral, laureado pela glória adquirida em 1866 e 1870, reivindica a independência na condução das operações, para não ver recomeçar a ingerência do governo na condução destas (conflitos entre o Chefe de Estado-Maior Moltke e o Ministro da Guerra Roon em 1866; entre Moltke e o Chanceler Bismarck em 1870)<sup>6</sup>. O Marechal von Moltke define o paradigma que ficará sem ser discutido até a Primeira Guerra Mundial: “*O governo civil não intervém na condução das operações militares*”. A idéia de Clausewitz da guerra como continuação da política é corrigida para tornar-se a guerra como substituta da política. Esta atua antes dos conflitos, mas deve ceder o lugar para a estratégia desde o deflagrar das hostilidades. O General Lewal expressou de modo bem claro, logo após a derrota de 1870, esta reivindicação de independência da estratégia:

Os chefes de exército não têm de maneira alguma que decidir a guerra: eles são encarregados de fazê-la, desde que ela tenha sido decidida, quer seja certo ou errado, e a missão deles é de conduzir a guerra da melhor forma possível dentro dos limites estritos da sua profissão especial. A ciência militar não tem nenhuma ligação com a política e não deve ocupar-se com ela... Os princípios da guerra são, evidentemente, independentes da natureza da guerra ou das causas que a provocam.<sup>7</sup>

O General Friedrich von Bernhardi desenvolve a tese até a sua conclusão lógica:

Quando a guerra é decidida, o propósito militar se substitui aos fins políticos.<sup>8</sup>

---

2. Carl von Clausewitz. *De la guerre*, p.59.

3. Julien Freund prefere a tradução “a guerra nada mais é que a continuação da política por outros meios”. FREUND, Julien. *Guerre e politique*: de Karl von Clausewitz a Raymond Aron, p.646.

4. O primeiro tradutor de Clausewitz, o major belga Neuens, fala de “*transactions politiques*” (transações políticas) uma expressão mais justa, pois Clausewitz aproxima a guerra do comércio.

5. Carl von Clausewitz. *De la guerre*, p.67.

6. Cf. Stig Förster. “The Prussian triangle of leadership, in the face of a people’s war: a reassessment of the conflict between Bismarck and Moltke”, em Stig Förster e Jörg Nagler (eds), *On the Road of Total War*. Cambridge, Cambridge University Press, 1997.

7. General Lewal. *Études de guerre*: tactique de mobilisation, tactique de combat. Paris, Librairie-militaire Dumaine, 1875, p.24.

8. General von Bernhardi, *La guerre aujourd’hui*. Paris, Librairie militaire Chapelot, 1913. t.II, p.194.

Essa é a concepção que prevalecerá no ano de 1914 na França, quando o governo francês desaparecerá diante de Joffre. Este gozará de uma independência absoluta na retirada, na recuperação do Marne e no deflagrar das ofensivas de 1915. A Alemanha irá mais longe, ainda a partir de 1916, com a reivindicação de Ludendorff não somente de uma independência em relação ao poder político, mas também de um afastamento total deste poder político que não deve intervir nem na condução das operações nem na condução da guerra (Ludendorff chega até a criticar a decisão que instaura o sufrágio universal em 1917). Este imperialismo da estratégia, que pretende desconhecer as exigências da política, contribuirá de modo decisivo para a derrocada final da Alemanha. O deflagrar da guerra submarina além dos limites permitíveis, sem nenhuma consideração pelos neutros, provocará a entrada na guerra dos Estados Unidos<sup>9</sup>. Apesar desse revés, Ludendorff tenta teorizar sua concepção logo após a guerra. Ele se entrega a uma crítica radical da tese de Clausewitz:

Uma vez que o caráter da guerra e o da política estão mudando, as relações entre a política e a estratégia militar devem se modificar. Todas as teorias de von Clausewitz estão para ser substituídas. A guerra e a política estão a serviço da conservação do povo, mas a guerra permanece como a suprema expressão da vontade da vida racial. É por isso que a política deve estar a serviço da guerra.<sup>10</sup>

Este desvio nunca conseguiu implantar-se de forma duradoura. O paradigma do primado de política resistiu a esse tipo de ataque. Inclusive suportou a ampliação indefinida do conceito de estratégia na época contemporânea. O General Poirier, que levou esta ampliação para seu marco definitivo, propondo o conceito de estratégia integral, de maneira alguma pôs em questão o princípio da fixação dos propósitos pela política. Ele definiu a estratégia como “a política em ação...(ela) é a ciência e a arte da manobra de forças para cumprir os fins da política, traduzidos em propósitos estratégicos”<sup>11</sup>.

Não é necessário insistir sobre esse ponto que é admitido ordinariamente. Notar-se-á, simplesmente, que tal concepção é muito antiga. A “Fórmula” de Clausewitz apenas teoriza uma ligação fundamental já expressa na Antigüidade e que qualquer um encontra no século V junto ao rei ostrogodo Teodorico, dita com muita clareza: “*aquelas das minhas guerras que tiveram uma saída feliz são as que eu conduzi com moderação*”<sup>12</sup>.

## 50 – A estratégia define e emprega os meios para obter a vitória na guerra

Para Clausewitz, a referência inevitável, “a estratégia é o uso do combate, isto é, a coordenação dos diferentes combates como um todo, no interesse do propósito final da guerra”<sup>13</sup>. O Marechal Marmont expressou uma idéia semelhante: “Os movimentos gerais, executados fora da vista do inimigo e antes da batalha, são denominados estratégia. [Ela tem por

---

9. Cf. a crítica do Almirante Castex em *Théories Stratégiques*, VI, capítulo I.

10. Ludendorff. *La guerre totale*. Paris, Flammarion, 1936. p.14.

11. Lucien Poirier. *Stratégie théorique II*, p. 109-111.

12. Citado pelo General Chassin, no prefácio da obra de FULLER, J.FC. *L'influence de l'armement sur l'histoire*. Paris: Payot, 1948. p.11.

13. Carl von Clausewitz. “Remarques sur la stratégie pure et appliquée de Monsieur von Bülow”, 1805, em Clausewitz, *De la révolution à la restauration*, p. 78.

propósito] cuidar de uma superioridade numérica para o dia da batalha”<sup>14</sup>. Essas duas definições são reveladoras do clima intelectual dos anos entre 1820 e 1830, impregnados da lembrança das grandes batalhas napoleônicas. A estratégia sujeitou a batalha a ser concebida como uma finalidade. Porém, Clausewitz reserva também uma definição mais ampla:

A estratégia é o uso do combate para os fins da guerra. Ela deve, assim, fixar ao conjunto do ato de guerra um propósito que corresponda ao objetivo da guerra. Isto é, que ela estabeleça o plano de guerra e fixe, em função do propósito em questão, uma série de ações apropriadas à sua condução.<sup>15</sup>

Certos autores se esforçam para fundamentar a distinção entre estratégia e tática com um critério que engloba mais do que o combate, a fim de não qualificar como estratégicas as operações levadas fora do combate, mas que não resultam da reflexão do chefe. Aparece, assim, uma teoria alternativa que identifica a estratégia com a concepção, e a tática com a execução. Um dos pioneiros dessa nova abordagem é o General prussiano Rühle von Lilienstern, um dos grandes precursores de Clausewitz, cujas definições são particularmente elaboradas e quase filosóficas:

A primeira (estratégia) é a que prevê a maneira pela qual as coisas devem ser conduzidas, a outra (tática), em contrapartida, é a causa que faz com que qualquer coisa se produza e realize-se de tal e tal maneira. A primeira precede no tempo à execução real; ela é, por conseguinte, diferente historicamente da segunda; em sua própria essência ela se comporta, em relação à ação, como a palavra em relação ao ato.<sup>16</sup>

A idéia é repetida durante os anos 1870-1880 por vários pensadores alemães, notadamente Wilhelm Rüstow, cujos escritos exercem uma grande influência nos anos 1860-1870: “*O exército é um organismo composto; a cada momento de sua ação, nós o vemos perseguir um pensamento estratégico que ele traduz taticamente; essa disposição tática é a incorporação da idéia*”<sup>17</sup>; e para o Coronel Blume: “*A estratégia fixa para o exército o propósito e a direção. À tática incumbe cuidar da execução*”<sup>18</sup>. Na França, ela é adotada igualmente logo depois da derrota de 1870-1871. É encontrada, por exemplo, nos *Études de guerre* do General Lewall<sup>19</sup>, depois no curso do General Bonnal, na Escola Superior de Guerra: “*A estratégia é a arte de conceber; a tática é a ciência da execução*”<sup>20</sup>. Esta concepção se estende<sup>21</sup> e é corrente entre os autores italianos, e ainda vai ser reencontrada em 1927 nos trabalhos do Capitão-de-Mar-e-Guerra Laurent, para quem “*entende-se por estratégia tudo aquilo que se relaciona com a concepção e condução geral das operações. Por tática, compreende-se tudo aquilo que se liga à execução*”<sup>22</sup>. O critério do combate fica, assim, afastado: Lewal tenta desta maneira definir uma estratégia de combate.<sup>23</sup>

14. Marechal Marmont. *De l'Esprit des institutions militaires*. Paris, Librairie militaire Dumaine, 1845. p. 17-24.

15. Carl von Clausewitz. *De la guerre*, p.181.

16. J.J.O.A. Rühle von Lilienstein, *Handbuch für den Offizier*. 2e partie. Berlim, 1817-1818. p.106.

17. Rüstow. *L'art militaire au XIX<sup>e</sup> siècle*, tomo I, p. 385. Aquela não impede Rüstow de propor em outra parte uma definição clássica da estratégia como a arte do comando (ver no capítulo I, item 24), sem explicar como as duas abordagens podem ser conciliadas.

18. Blume. *Stratégie*. Paris, Librairie militaire Baudoin, 1884. p41.

19. General Lewal. *Études de guerre* (1875), pp.26-27.

20. General Bonnal, 1892, citado pelo Almirante Castex, em *Théories Stratégiques*, I, p7.

21. Que não é sem analogia com a distinção sistematizada pelos publicistas do final do século XIX, entre os atos de autoridade, que tinham um caráter administrativo, e os atos de gestão, que dependiam do direito comum.

22. Capitão-de-Mar-e-Guerra Laurent, *Introduction aux études de stratégie*, p5.

23. General Lewall, *Le combat complet*, Paris, Librairie militaire Baudoin, 1898.

Mas tal abordagem alternativa permanece minoritária. Ela é recusada, em 1895, pelo Major Grouard, que afirma: “*não é exato dizer que a tática executa o que a estratégia concebe: porque elas não são uma a concepção e a outra a execução de uma mesma coisa. Elas tratam de objetivos diferentes, e as regras que elas admitem aplicam-se a fases não simultâneas, mas sucessivas de uma operação militar... A tática, como todos os atos da vida, contém a concepção e a execução*”<sup>24</sup>. Uma geração depois, o Almirante Castex condenou, ele também, esta “*distinção demais sutil*” em que “*cada um, em todos os níveis hierárquicos do comando, faria ao mesmo tempo estratégia e tática*”<sup>25</sup>. Na obra *Théories stratégiques*, ele resume as incontáveis definições de estratégia para chegar a uma conclusão de uma simplicidade sedutora e perigosa: “*Estratégia aquém e além do combate, tática durante o combate... tal é a fórmula à qual eu adiro*”<sup>26</sup>. Ele retoma, quase palavra por palavra, uma formulação de Jomini: “*Poder-se-ia dizer que a tática é o combate e a estratégia é toda a guerra, antes e depois do combate*”<sup>27</sup>. Retorno ao ponto de partida, que não soluciona o problema relativo a que grau começa a estratégia: se, como disse Castex, “a estratégia não é nada mais que a condução geral das operações, arte suprema dos chefes de um certo grau hierárquico”<sup>28</sup>, resta qualificar a condução das operações outras que as de combate debaixo desse limiar. Inúmeros autores consideram que ela ressaltou a logística (infra nº 53).

## 51 – A tática emprega os meios no combate com vistas à vitória na batalha

A tática recobre, essencialmente, a **condução do combate**, desde que essa atinja um certo grau de perfeição: não há tática pura quando a batalha se resume em uma série de combates singulares, como nos tempos das guerras homéricas ou da cavalaria. Sabe-se que a cavalaria francesa paga um preço alto por sua indisciplina em Courtrai (1302), Crécy (1346), Poitiers (1356), Nicópolis (1396), Azincourt (1415)... apesar de sua bravura, da superioridade de seu armamento (defensivo e ofensivo: nada resiste a uma carga de cavalaria pesada) e até, muitas vezes, da sua superioridade numérica.

A tática “*vem do grego Taxis, ordem, arranjo, distribuição. Assim, esse termo, tomado no seu sentido militar, dá a idéia da respectiva posição dos homens que compõem uma tropa qualquer, das diferentes tropas que compõem um exército, dos seus movimentos, de sua ação e das ligações que existem entre elas*”.<sup>29</sup> Poder-se-ia dizer que a tática aparece quando o combate heróico cede lugar à disciplina militar. Após a longa eclipse da Idade Média, ela somente reaparece, verdadeiramente, na época da constituição dos exércitos permanentes.

O próprio conceito de tática só aparece no final do século XVI por evolução e a passagem para o gênero feminino de um substantivo masculino empregado desde o século XIII: Bono Giamboni, em 1292, evoca o *tattico*, especialista em tática, na sua tradução italiana de *Vegetius*<sup>30</sup>,

---

24. Antoine Grouard. *Stratégie: objet-enseignement-éléments*. Paris, Librairie militaire Baudoin, 1895. p7-9.

25. Almirante Castex. *Théories stratégiques*, I, p.8.

26. Almirante Castex, *Théories stratégiques*, I, p. 9.

27. Henri-Antoine Jomini. *Précis de l'art de la guerre*, 1838. Paris, Champ Libre, 1973. p.80.

28. Almirante Castex, *Théories stratégiques*, p. 10.

29. Joly de Maizeroy. *Théorie de la guerre*, p.2.

30. M. Cortellazzo e P. Zolli *Dizionario etimologico della lingua italiana*, 1988

enquanto Jean de Vognay fala, entre 1310-1320, em sua tradução francesa do mesmo autor, sobre “*mestres de armas que eles chamaram táticos*”<sup>31</sup>. Diferentemente do que se produzirá mais tarde no caso da estratégia, é a Inglaterra que fala em primeiro lugar de *tática*: a palavra é assinalada desde 1570 (*tactice*), e reaparece em seguida regularmente<sup>32</sup>, sem ser, todavia, de emprego corrente antes do século XVIII. Igualmente, dá-se sinais dela, na Alemanha, onde um dos grandes autores do final do século XVI, Jonhan Jakob von Wallausen, anuncia a sua intenção de compor um tratado de *hohere Taktic*, que, ao final, não será escrito<sup>33</sup>. Na França, a tática só aparece no século seguinte: a primeira ocorrência conhecida dá-se em *Politique militaire*, de Paul Hay du Chastelet (1668)<sup>34</sup>. A palavra é reencontrada no *Dictionnaire de Furetière* (1690)<sup>35</sup>. Esse atraso no surgimento da palavra sugere que o assunto só fica definido após a generalização e a consolidação das forças armadas estatais. A sua difusão necessitará ainda de uma geração: nem Feuquiére nem Puységur, que escrevem no início do século XVIII, empregam a palavra. Ela se faz reconhecer, definitivamente, a partir dos anos 1730, em especial graças a Folard e ao Barão de Espagnac (biógrafo do Marechal de Saxe), e propaga-se por toda a Europa: a palavra é observada na língua sueca desde 1698; em espanhol, em 1708 (*táctica*); em italiano, em 1709 (*tattica*), mas ainda é desconhecida em português na primeira metade do século XVIII<sup>36</sup>, e somente é atestada, no seu gênero e sentido atuais, em inglês em 1766<sup>37</sup>. Ao escrever durante os anos de 1770, Mesnil Durand observa:

Nós não tínhamos, há vinte anos, nenhuma obra escrita sobre tática... A tática ainda é muito pouco conhecida, e apenas se sabe o que é Tática, e em relação ao seu objetivo e sua definição, os militares não estão muito de acordo entre eles<sup>38</sup>.

A tática, disse Jomini, é constituída pelas “*manobras de um exército no campo de batalha, ou de combate, e as diversas formações para conduzir as tropas ao ataque*”<sup>39</sup>. Para Clausewitz, a tática é “*a teoria relativa ao uso das forças armadas no combate*”<sup>40</sup>. Ela é uma operação que requer em primeiro lugar a inteligência, o conhecimento e a organização, como enfatizava Napoleão:

Dois mamelucos [NT: soldados da milícia egípcia] continham três franceses porque eles estavam mais armados, equipados em montaria e treinados; eles tinham dois pares de pistolas, um bacamarte, uma carabina, um capacete com viseira, uma cota de malha [NT: armadura defensiva], vários cavalos e vários homens a pé para servi-los. Mas cem cavaleiros franceses não temiam cem mamelucos; 300 eram vencedores de um número igual; mil batiam 1.500 deles, tão grande é a influência da tática, da ordem e das evoluções!<sup>41</sup>

---

31. *Trésor de la langue française*.

32. Em 1595, Sir Clement Edmond publica *The Manner of Moderne Training or Taktik Practise*.

33. Jean-Jacques Langendorf. *La pensée militaire allemande*. Paris, ISC, 2002.

34. Paul Hay du Chastelet. *Politique militaire ou traité de la guerre*. Paris, ISC-CF HM, 2003.

35. Aqui, também, ao inverso da estratégia, a tática precedeu a sua prática: o tático (*tactician*) só é assinalado em 1798, precedido pelo francês “tacticien”, que surge no século XVIII (ele é empregado em 1757 por Jean-Jacques de Beausobre, em sua edição de Énéé).

36. Só é certificada, com certeza, em 1751.

37. *Oxford English Dictionary*.

38. Mesnil Durand. *Fragments de tactique*. Paris, Chez Charles-Antoine Jombert, 1774. p7.

39. Henri-Antoine Jomini, 1774, p7.

40. Carl von Clausewitz. *De la guerre*, p.118.

41. *Commentaires de Napoléon I<sup>er</sup>*, tomo VI, p.31.

A tática se manifesta em todos os escalões das operações militares. Joly de Mazeroy distinguia a tática elementar da grande tática, esta tendo por objetivo as marchas e os movimentos do exército, abaixo da estratégia, da qual ele foi um dos promotores. Jomini falava de tática de detalhe e de grande tática. Seu discípulo Antoine Grouard utilizava três subdivisões:

A tática elementar, ou tática do detalhe, compreende os procedimentos de combate das pequenas unidades de todas as armas...; a tática de conjunto ou das três armas (infantaria, cavalaria e artilharia) faz conhecer o papel de cada arma na batalha...; a grande tática, ou tática das grandes unidades, é, em uma certa medida, a ciência dos comandantes de corpos de exército... É, sobretudo, a arte do general-em-chefe que tem de determinar o papel de cada um dos seus corpos de exércitos na batalha, de prescrever o movimento de suas reservas e de fazê-las intervir em tempo oportuno e nas condições as mais favoráveis<sup>42</sup>.

Um dos primeiros teóricos da tática, o Barão de Mesnil-Durand, dava uma soberba definição, sempre válida apesar da transformação radical do combate, porque de um alto nível de abstração:

A tática é uma ciência de relações, seu objeto é de combinar e, por consequência, medir e calcular forças e movimentos. Esta ciência é a parte matemática da arte da guerra.<sup>43</sup>

As duas citações de Grouard e de Mesnil-Durand fazem aparecer, como para a estratégia, um debate entre partidários da tática com ciência e aqueles da tática com arte. Além dessa controvérsia inesgotável, surge uma idéia central: a tática é uma racionalização do combate.

## 52 – A tática deve ser distinguida do combate

A tática deve, portanto, ser distinguida do combate elementar, que requer em primeiro lugar a força e a coragem. É a esfera na qual os cálculos engenhosos podem ser anulados em função das reações primárias incontrolláveis. Este é o caso do pânico que se apossa, às vezes, das tropas mais aguerridas, como os Gardes franceses em Malplaquet, em 1709<sup>44</sup>, ou em Dettingen, em 1745. O Marechal de Saxe guardava do seu ilustre predecessor Villars uma anedota típica:

Na batalha de Fridelingen, alguém da infantaria francesa, depois desta ter atacado a infantaria dos Imperiais com um valor incomparável, após tê-la derrotado várias vezes e tê-la perseguido através de um bosque em uma planície que estava mais além, tomou a iniciativa de dizer que estávamos isolados: apareceram dois esquadrões (franceses talvez); toda essa infantaria vitoriosa fugiu numa desordem espantosa, sem que ninguém a atacasse nem a seguisse, voltou a passar pelo bosque e somente parou do outro lado do campo de batalha. O Marechal de Villars e os generais fizeram esforços em vão para fazê-la voltar. Entretanto, a batalha estava ganha e a cavalaria francesa havia derrotado a imperial: desse modo, não se via mais os inimigos. Eram, portanto, os mesmos homens e as mesmas tropas que vinham de derrotar a infantaria imperial, aos quais um terror tinha, de tal forma, perturbado os sentidos que eles tinham perdido o controle a ponto de não poder retomá-lo. É da boca do próprio Marechal de Villars que eu ouvi

---

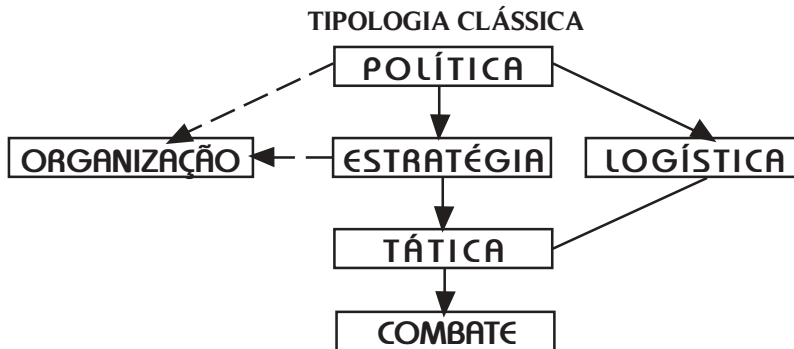
42. Antoine Grouard. *Stratégie*, p.15.

43. Mesnil Durand. *Fragments de tactique*, p.1.

44. André Corvisier. “Le moral des combattants, panique et enthousiasme: la bataille de Malplaquet”, em sua antologia *Les hommes, la guerre et la mort*. Paris, Économica, 1985. O General Daudignac dá múltiplos exemplos em *Les réalités du combat*. Paris, Lavauzelle, s.d. (em torno de 1905).

esse fato: ele me contou em Vaux-le-Villars, mostrando-me os planos das batalhas que ele havia feito. Quem quisesse pesquisar exemplos semelhantes os encontraria em quantidade entre todas as nações. Isso prova, suficientemente, a diversidade da coragem humana e a importância que se deve dar a isso.<sup>45</sup>

Curiosamente, este dado fundamental, julgado, sem dúvida, simples demais, mas também difícil de teorizar, não recebeu a atenção que ele requeria. Os grandes autores que refletiram sobre a condução dos homens são raros: o Marechal de Saxe, Suvorov, o Marechal Bugeaud, o General russo Dragomirov e, sobretudo, o Coronel Ardant du Picq, morto à frente de seu regimento em 1870, autor da famosa máxima: “O homem só está apto a uma certa quantidade de terror”<sup>46</sup>. No início do século XX, o Coronel (futuro general) Jean Colin dedicou ao combate elementar toda uma parte da sua obra *Transformations de la guerre*, um dos clássicos do pensamento militar francês. Ele conclui que “a ciência, chamada tática, tem a sua razão de ser; mas ela é vã, se a coragem, o ardor, a vontade de vencer não animam os combatentes”<sup>47</sup>.



Este dado de base não perdeu sua importância, apesar do advento do poder de fogo ou da eletrônica. Basta lembrar o heroísmo dos combatentes de Verdun em 1916, nos dois campos: em julho, a ofensiva alemã ataca o forte de Souville, cuja guarnição, intoxicada pelos gases, está fora de combate: um destacamento militar comandado por um aspirante chega e repõe as defesas em condição. Na alvorada de 12 de julho, a última vaga de assalto chega a 250 metros do forte; suas duas subdivisões estão detidas pelo que resta de uma companhia do 7º RI: “entre 9h e 9h10, a batalha titânica de Verdun é travada por 30 alemães contra 60 franceses. As três metralhadoras francesas param definitivamente o assalto alemão. A 3ª companhia do 7º RI não conta com mais do que 15 homens”<sup>48</sup>. No caso da Segunda Guerra Mundial, podem ser citados tanto os defensores de Bir-Hakeim como aqueles do Monte Casino, os de Stalingrado e os de Budapeste...

## 53 – Uma dimensão subordinada: a logística

Ordinariamente, os autores clássicos não dão muita importância à questão da subsistência: o exército dará um jeito e viverá com a ajuda do país ... Guibert recomenda não se sobrecarregar com equipagens de víveres muito numerosas, o que Napoleão pôe em prática. Mas isso

45. Marechal de SAXE. *Mes rêveries*. Paris, CF HM-ISC-Économica, Bibliothèque Stratégique, 2002.

46. Ardant du Picq. *Études sur le combat antique et moderne*. Paris, Champ libre. p.69.

47. Jean Colin. *Les transformations de la guerre*. Paris, Économica, Bibliothèque stratégique, 1989. p.77.

48. Alain Denizot. “L’attaque de la dernière chance: 11-12 juillet 1916”, *Guerres mondiales et conflits contemporains*, 182, 1996. p.37.

pressupõe um certo ascetismo do soldado. Nem todo mundo é como o coronel russo do século XVIII, “o qual, ainda que judeu batizado, era tão bom cristão que na idade de 84 anos, durante a longa quaresma da Igreja oriental, somente comia duas vezes por semana um pouco de biscoito do mar e uns grãos de cevada, cozidos no sal. Se pudessem habituar os soldados a viver com tão pouca coisa, poupariam muito dos impedimenta”<sup>49</sup> [obstáculos que tornam mais lenta a progressão de um exército].

Um dos primeiros a interessar-se seriamente pelo problema foi o Duque de Rohan, no século XVII. Em *Le Parfait capitaine* (1636), ele dedica substanciais desenvolvimentos ao “econômico”, que “tem por finalidade a subsistência dos exércitos e, na execução, fazê-los se alimentar e pô-los ao abrigo, tanto quanto possível, dos danos causados pelas intempéries... Ela é a base e o suporte de todas as virtudes e de todas as funções militares”<sup>50</sup>. No século XVIII, François de Chennevières escreveu um tratado sobre os *Détails militaires*, cujo conhecimento é necessário a todos os oficiais e principalmente aos comissários de guerra (dois volumes em 1742, e depois seis volumes em 1750-1768), um dos primeiros do gênero. Eles iniciam a teoria do que será chamado, ao final de uma longa e laboriosa maturação, de logística.

Não há conceito tão pouco confirmado como o da logística. Sua própria origem é discutida. Jomini fez dela uma palavra derivada do cargo do “*maréchal général des logis*”<sup>51</sup>, mas esta dedução, *a priori* lógica, não é confirmada por usos mais antigos. Outros ligam-na ao grego *logisteco*, que significa administrar. As primeiras ocorrências da palavra, no século XVIII, fazem dela um ramo da matemática, “*espécie de aritmética literal*”, diz o Dicionário de Trévoux. É Jomini quem impõe a transposição da palavra para o campo militar<sup>52</sup>, dando-lhe um sentido muito amplo: ele identifica a logística com a ciência dos estados-maiores<sup>53</sup>, a qual inclui a redação das ordens e das instruções, a gestão dos meios de transporte, o serviço nos acampamentos e nos aquartelamentos<sup>54</sup>. A parte essencial dela está, para ele, na ciência das marchas, com um ramo próximo da estratégia, quando o exército se põe em movimento, e um outro próximo da tática, com a passagem da ordem da marcha às ordens de batalha. O capítulo

49. General de W ....Y(Warnery). *Remarques sur l' Essai général de tactique de Guibert*, Varsóvia, 1782. p. 196-197.

50. Henri de Rohan. *Le Parfait Capitaine*. Paris, ISC, 2002.

51. Henry-Antoine Jomini. *Précis de l'art de la guerre*, p.271.

52. Apoiando-se em algumas obras técnicas, que mereceriam um estudo comparativo: *Grundsätze der höheren Kriegs Kunst* do Arquiduque Carlos; *le Traité théorique et pratique des opérations secondaires de la guerre* do coronel Lallemand; *le Traité de tactique* do marques de Ternay; *Über die Militärökonomie im Frieden und Kriege* do Conde Canerin, intendente-geral dos exércitos russos.

53. Falta-nos uma história da organização dos estados-maiores. Os generais sempre estiveram cercados por ajudantes de campo e conselheiros, mas os verdadeiros primeiros estados-maiores parece só terem aparecido no século XVIII. Gustavo Adolfo da Suécia parece ser o primeiro a adotar. Ele é imitado pelo eleitorado de Bradenburgo, onde a função de primeiro “mestre de quartel-general”(NT) aparece em 1655. Quase na mesma época, a França constitui embriões de estados-maiores, em redor de ajudantes de campo e de sargentos gerais de batalhas, mas as atribuições desses últimos nunca foram determinadas. Luís XIV cria a função major-general em 1672. Sob a Revolução, o decreto de 21 de fevereiro de 1792 institui o chefe de estado-maior geral por exército; sob o Império, a função de major-general do exército é confiada a Berthier, o qual organiza um estado-maior eficaz. Mas era apenas uma correia de transmissão das ordens do imperador (cf. MERLIER, Georges. L'état-major de la Grande Armée: quelques aspects. *Revue internationale d'histoire militaire*, n.30, 1970). Será necessário aguardar as reformas prussianas para que se disponha do primeiro grande estado-maior permanente.

Os primeiros tratados sobre o serviço do estado-maior aparecem depois de 1800: General Grimoard. *Traité sur le service d'état-major général des armées*, 1809 (concluído em 1778); General Paul Thiébault. *Manuel des adjudans-généraux et des adjoints*, 1802, traduções em alemão, espanhol (por ordem de Godoy) e inglês. Do mesmo autor, *Manuel général du service des états-majors généraux et divisionnaires dans les armées*, 1813.

54. Henri-Antoine Jomini. *Précis de l'art de la guerre*. cap. VI, artigo 41, pp. 273-274.

lo que ele dedica a essa questão intitula-se “*a logística ou a arte prática de movimentar os exércitos*”. Ele não concebe, de maneira alguma, a logística como a parte da arte da guerra relativa aos aprovisionamentos<sup>55</sup>.

O conteúdo da logística permanecerá incerto até o início do século XX: O General Lewal, em 1875, define a logística como a tática das informações<sup>56</sup>, a arte de abastecer as tropas, sendo batizada por ele de *pronoético*, neologismo que não lhe sobreviverá. Em 1894, o Coronel Henry opõe a idéia à tática de combate: “*A tática de marcha e de estacionamento, ou logística, compreende a tática da segurança e as táticas das armas, as quais englobam as regras de formação e de emprego especial da infantaria, da cavalaria, da artilharia, da engenharia e dos comboios*”<sup>57</sup>. No ano seguinte, o Tenente-Coronel Grouard faz da logística “*a ciência especial dos oficiais de estado-maior, dito de outro modo, a parte material da arte da guerra, a que permite realizar as concepções da estratégia*”, que pode ser considerada como um ramo a parte, ou como “*um capítulo particular da própria estratégia*”<sup>58</sup>. Porém, nenhuma dessas proposições obtém êxito. Em 1898, provavelmente esquecendo sua própria tentativa, o General Lewal fala “*desse termo incorreto... completamente esquecido nos dias de hoje*”<sup>59</sup>. No mundo anglo-saxão, o conceito tampouco teve sucesso<sup>60</sup>. Quando se emprega o termo, é em sentido material, próximo ao retido por Grouard: “*ramo da ciência militar relativo ao movimento, ao estacionamento e ao abastecimento dos exércitos*”<sup>61</sup>. Ainda em 1929, o Almirante Castex denunciará “*esse horrendo substantivo repetido de Jomini*”<sup>62</sup>. Ele então caiu em desuso e só retorna ao vocabulário militar francês ao final dos anos 1930, por importação do italiano *logística*, popularizado durante a guerra da Etiópia.

A crença na superioridade dos fatores morais e a convicção de que as próximas guerras seriam curtas conjugaram-se até 1914, para manter a preparação industrial e os aspectos materiais em uma posição subordinada, com conseqüências evidentes sobre a ocorrência das operações: o esgotamento geral das munições será um dos fatores determinantes do bloqueio do final do ano de 1914. Muito raros são aqueles que tomam plena consciência das implicações da industrialização para a guerra. “*Existem muitos táticos, poucos se prevalecem da logística, porque essa arte sem glória não se paga com palavras*”<sup>63</sup>. Os aspectos materiais, desqualificados com frequência sob a denominação pejorativa de intendência, muitas vezes são relegados a um segundo plano, exigindo que a inteligência dos chefes e a coragem dos combatentes compensem a inferioridade material. A logística apenas será reconhecida como um ramo maior da arte da guerra no decorrer da Segunda Guerra Mundial, quando os norte-americanos estabelecem

55. Na obra *Précis*, o artigo sobre os depósitos e os víveres está incluído no título que trata de estratégia e não naquele sobre a logística.

56. General Lewal. *Études de guerre. Tactique de mobilisation. Tactique de combat*. Paris, Librairie militaire Dumaine, 1875. p.33.

57. Coronel R. Henry. *L'Esprit de la guerre moderne d'après les grandes capitaines et les philosophes*. Paris, Berger-Levrault, 1894. p.517.

58. Antoine Grouard. *Stratégie*, p.20

59. General Lewal. *Le combat complet*. Paris, Librairie militaire Baudoin, 1898. p.34.

60. Cf. “Logistics: the World and the Thing”, em Richard M. Leighton e Robert W. Coackley, *Global Logistics and Strategy 1940-1943*. Washington: Office of the Chief of Military History U.S Army, 1955.

61. Definição de 1930, apresentada em James A. Huston, *The Sinews of War: Army Logistics 1775-1953*. Washington: Office of the Chief of Military History U.S., 1966. p. VII.

62. Almirante CASTEX. *Théories stratégiques*, I, p. 49.

63. Éric Muraise. *Introduction à l'histoire militaire*. Paris, Lavauzelle, 1964. p.189.

os métodos e o conceito da *logistics*: “*arte de planejar e conduzir os movimentos militares, as evacuações e os abastecimentos*”<sup>64</sup>. Mas, no mesmo ano em que esta definição foi dada (1944), um autor observa que “o termo foi inventado pelo Barão de Jomini, mas raramente é utilizado em nosso país”<sup>65</sup>. E ele somente irá generalizar-se durante os anos de 1950.

## 54 – Uma dimensão frustrada: a organizacional

A maior parte dos autores clássicos, como Clausewitz, só se interessa pelas operações, ou seja, “*pela arte da guerra no sentido estrito*”:

As atividades da guerra são divididas em duas categorias principais: as que são apenas preparativas da guerra e aquelas que pertencem à guerra propriamente dita... A própria teoria da guerra se ocupa da utilização, na intenção da guerra, dos meios já determinados.<sup>66</sup>

Outrossim, ao final do século XVIII, esse genial desconhecido, François Nockern de Schorn, claramente sublinhou a necessidade de estabelecer o que chama de “*a constituição geral do estado militar*” e que faz parte da ciência da guerra no mesmo nível da estratégia ou da tática:

Visto que é com os homens e as coisas necessárias que se faz e se apóia a guerra, a primeira questão deve ser a de se ter uma idéia clara e precisa da constituição moderna dos diferentes corpos de homens e das distintas classes de coisas, e conhecer as destinações e os usos respectivos: isso não basta, é preciso ainda aprofundar os princípios para constituir vantajosamente o estado militar em geral, prover a sua manutenção e fazer toda a sorte de arranjos para seu bem-estar; todos estes conhecimentos formam uma espécie de introdução à ciência da guerra e a primeira parte ou a constituição da arte militar.<sup>67</sup>

Apenas ao final do século XIX, começa-se a tomar consciência da crescente importância da organização das forças, a qual não pode mais ser abandonada à rotina ou à improvisação. Na França, o Coronel Lewal, que será um dos fundadores da Escola Superior de Guerra, pronuncia uma vigorosa defesa, logo após a derrota de 1870, em favor de uma organização racional:

Todas as potências dispõem hoje de forças imensas. Este fato impõe novas precauções, reclama combinações diferentes. A formação racional das Forças Armadas ativas toma uma importância que não existia nesse mesmo grau, há apenas doze anos. Portanto, é indispensável procurar as condições que elas devem preencher para obter o melhor resultado.<sup>68</sup>

Ele fala da “*parte orgânica*” do estudo da guerra. Na verdade, a idéia não se impõe na França, enquanto o conceito vai progredir na Itália. Corticelli publica, em 1900, um *Manuale di*

---

64. Definição de 1944, dada por James A. Huston, *The Sinews of War*, p.VII.

65. Alfred H Burne. *The Art of War on Land*. Londres, Methuen, 1944. p.10.

66. Carl von Clausewitz. *De la guerre*, p.123.

67. François Nockern de Schorn. *Idées raisonnées sur un système général et suivi de toutes les connaissances militaires et sur une méthode lumineuse pour étudier la science de la guerre avec ordre et discernement*. Nuremberg et Altdorf, Chez George Pierre Monath, p.8

68. Coronel Lewal. *Études de guerre. Partie organique*. Paris, Libraire militaire Dumaine, 1873. IV, p. 6

*Organica*. O autor naval Giovanni Sechi define a “orgânica” como a parte da arte militar que se vincula à organização e à preparação do material e do pessoal<sup>69</sup>.

Este ramo da ciência militar era certamente necessário. Entretanto, ele nunca teve êxito em impor-se ao ponto de ser reconhecido como autônomo. Mais do que seu caráter austero, senão árido, e menos nobre do que a estratégia, é preciso, provavelmente, incriminar as razões vinculadas às ligações entre as armas no interior da instituição militar: o equilíbrio entre elas resultava mais de arbitragens burocráticas ou corporativistas do que das regras positivas idealizadas por Lewal.

## SEÇÃO II – O DESMEMBRAMENTO DA ESTRATÉGIA NO SÉCULO XX

### 55 – A ascensão da estratégia

Esta dualidade estratégia-tática foi questionada pelo crescimento contínuo dos efetivos: os exércitos do Antigo Regime eram contados em dezenas de milhares de homens; a partir do século XIX, são contados em centena de milhares, tornando necessária a multiplicação dos níveis de comando. Napoleão já havia experimentado tal dificuldade ao final de seu reinado, quando precisou constituir, durante a campanha da Alemanha de 1813, exércitos confiados a marechais incapazes de conduzi-los (Ney, Oudinot, Macdonald). Não era mais possível que ele dirigisse pessoalmente uma dezena de corpos, uma vez que só alinhava uma meia dúzia durante as suas primeiras campanhas. Em 1870, os 16 corpos de exército alemães são reunidos em três exércitos, enquanto os sete corpos franceses iniciais permanecem independentes. Ainda nos anos 1880, o Coronel Blume pôde escrever que “*o corpo de exército é a unidade estratégica da guerra atual*”<sup>70</sup>. Desde o final da década seguinte, o Coronel Foch aceita como fato que “*o exército tanto quanto os corpos de exército são hoje unidades subordinadas. Não se deve criar e fazer arte aqui, mas simplesmente executar: é preciso ir ainda mais alto e estudar o funcionamento de um grupo de exércitos*”<sup>71</sup>. A fórmula se generaliza durante a Primeira Guerra Mundial: o Exército francês contava com cinco exércitos provenientes da mobilização, dois deles são somados ao final do ano de 1914, e é preciso, igualmente, contar com os Exércitos britânico e belga. Desde 1915, é indispensável criar posições intermediárias entre o generalíssimo e os chefes de exércitos que começaram a ser demais numerosos<sup>72</sup>. Nos anos de 1920, o Coronel Culmann registra que a estratégia “*tem por objetivo a utilização dos grupos de exércitos e de exércitos isolados*”<sup>73</sup>. Com a Segunda Guerra Mundial, eleva-se, realmente, o nível para o de teatros de operações, que estão, daí em diante, em interação constante, apesar da expansão do teatro da guerra.

---

69. Giovanni Sechi. *Elementi di arte militare marittima*. Livorno: Tipografia de Raffaello Giusti, 1903. v.I, p. 77.

70. Blume. *Stratégie*, p.74.

71. Foch. *Des principes de la guerre*, p.107.

72. Na França, os três grupos de exércitos, do Norte, do Centro e do Leste, são constituídos, em definitivo, na data de 14 de junho de 1915. Os alemães, que formaram os grupamentos provisórios desde 1914, difundem os grupos de exércitos na frente oriental em agosto de 1915, e na frente ocidental, somente em fevereiro de 1917. *Revue militaire française*, XVIII, 1925.

73. Coronel F. Culmann. *Stratégie*. Paris, Lavauzelle, 1924. p.15.

A confusão é igualmente técnica. Sob o Antigo Regime, a lentidão das transmissões tornava impossível uma condução centralizada da guerra. O plano de guerra apenas podia limitar-se aos dispositivos iniciais; os executantes dispunham de uma liberdade muito grande. Em 1800, Bonaparte pára os dois eixos da ofensiva contra a Áustria e vai conduzir pessoalmente a campanha da Itália, enquanto Moreau dirige a seu modo a da Alemanha. É com a aparição do telégrafo, depois do telefone, e da estrada de ferro, depois do automóvel e, por fim, do avião, que o comandante-em-chefe pode acompanhar os assuntos à distância e transportar-se em pessoa para lá, onde as circunstâncias o exigem. De sorte que a condução geral das operações não está mais limitada a um controle vago *a posteriori*, depois da entrada em campanha, ela é doravante permanente e ativa. A concepção do plano de guerra e a condução das operações não são mais tão nitidamente separadas.

Enfim, última mutação, a guerra moderna exige uma enorme mobilização de meios de toda ordem. Ela não se satisfaz mais em pedir à retaguarda homens e dinheiro. Ela exige uma reconversão industrial para produzir quantidades descomunais de armas e de munição, um controle, por parte do Estado, dos mecanismos de toda a sociedade para compensar a mobilização de classes por idade sem restrições, organizar o racionamento, controlar o comércio exterior.... e organizar uma propaganda sistemática à vista de uma população mais instruída e melhor informada que no passado, logo, menos passiva. Tantos elementos levam a um reforço da articulação entre estratégia e política e a uma ultrapassagem da sua primeira esfera de origem, estritamente militar.

O grau de generalidade e de abstração da estratégia logicamente aumentou com a industrialização da guerra, de sorte que a estratégia tendeu a ascender e a dissociar-se da tática. Seu campo se tornou vasto demais. A ampliação do conceito de estratégia, sugerida pelos grandes teóricos entre as duas guerras mundiais, é popularizada no dia seguinte da Segunda Guerra Mundial, até chegar à sua generalização (supra nº 26). Esta ampliação ocasionou a fragmentação da estratégia e o aparecimento de um nível intermediário: a arte operacional. Assim, leva-se à substituição da antiga trilogia pela nova tetralogia.

## 56 – Grande estratégia, estratégia geral, estratégia operacional

A estratégia opera em uma dupla vertente, política e militar. Ela garante **a condução geral da guerra e das crises e a condução geral das operações ou das ações militares**. Nas duas esferas, ela é “o conceito diretor central que coordena todos os elementos e orienta-os para um fim predeterminado”<sup>74</sup>.

1 – Na **condução geral da guerra e das crises**, a estratégia é doravante identificada como a política em ação. A política se vê, assim, relegada à esfera das vias últimas, a estratégia tomando conta do conjunto da condução da ação. Ela é de competência do governo; a política tradicional se integra doravante em uma estratégia global, cuja denominação irá variar segundo o país ou conforme os autores (infra nº 253).

A **grande estratégia** é uma idéia anglo-saxônica aparecida nos anos 1920 e popularizada nos anos 1950. Em sua obra central, *Strategy*, Liddel Hart a define de um modo bem simples como a “*política de guerra*”. Ela tem por propósito “*coordenar e dirigir todos os recursos da nação ou de uma coalizão, a fim de atingir o objetivo político da guerra*”. Ela tem parentesco com a política, a tal ponto que Liddel Hart reconhece que “*se a grande estratégia domina a estratégia, seus princípios, frequentemente, vão ao encontro daqueles que prevalecem no campo dessa última*”<sup>75</sup>. A ilustração mais importante é “*que é essencial conduzir a guerra, nunca*

74. Herbert Rosinsk. *La structure de la stratégie*.

75. Basil Liddel Hart. *Histoire mondiale de la stratégie*. Paris, Plon, 1963. p406.

*perdendo de vista qual paz você deseja obter*”. É a simples reformulação por um anglo-saxão do axioma clausewitziano da guerra como continuação da política por outros meios, sem que o interesse teórico da substituição da política pela nova idéia da grande estratégia esteja explicitado.

Os franceses, nos anos de 1950, preferiram o conceito de estratégia geral, apresentado no fim dos anos 1920 pelo Almirante Castex; ela é definida na publicação *Instrução sobre o emprego das Forças Armadas de 1959* (substituída, em 1984, pela *Instrução geral sobre o emprego das Forças Armadas*)<sup>76</sup> como “a arte de combinar a totalidade dos meios dos quais dispõe o poder político para alcançar os propósitos que ele definiu.”<sup>77</sup> A idéia de estratégia global, total ou integral, expressa melhor essa combinação de forças, originando-se de ordens diferentes. (infra nº 253)

Os russos não conheceram essa querela bizantina. A terminologia deles, muito precisa e estruturada, continuou a distinguir a política militar da estratégia militar. A primeira corresponde à “preparação e ao emprego dos meios da Força Armada para alcançar os objetivos políticos”. A segunda é “parte constitutiva e domínio superior da arte militar, englobando a teoria e a prática da preparação das Forças Armadas e do país para a guerra, o planejamento e a condução das operações estratégicas e da guerra em geral”<sup>78</sup>. Essas duas idéias remetem à dimensão propriamente militar, considerada, no caso da primeira, nas suas finalidades, no caso da segunda, no seu emprego. A recusa de uma grande estratégia revelava a recusa por parte do Partido Comunista em subordinar os fins políticos aos meios, em outras palavras, de dividir seu poder absoluto com os especialistas.

2 – Na **condução geral das operações e das ações militares**, a estratégia exerce seu papel tradicional, especificamente militar. Ela depende aqui do alto comando, em ligação estreita com o governo. Os norte-americanos falam da estratégia nacional militar. Na França, o exercício do comando, no mais alto nível militar, compreende a concepção, a preparação e a condução das operações militares<sup>79</sup>. É mais neste nível que é oportuno falar de estratégia geral, a qual é relacionada a uma ordem de forças ou de meios. A doutrina francesa recentemente reconheceu isso, pois o *Glossaire interarmées* de 1995 qualifica a “combinação dos meios nos diferentes domínios: militar, econômico, diplomático, sobre os quais o poder político pode atuar para atingir os propósitos que ele próprio se fixou” de estratégia global, e a estratégia geral sendo já definida como “criação, desdobramento e emprego de meios para atingir, em um campo dado, os objetivos da estratégia global”.

A condução geral das operações comporta daí em diante várias vertentes. A antiga estratégia sobre o terreno é denominada a partir de então estratégia operacional. Ela é empregada, principalmente, pelos grandes comandantes operacionais, grupos de exércitos, esquadras ou frotas, comando de teatros, com os recursos postos à disposição por uma estratégia de meios, que coordena a logística e o organizacional, e segundo uma doutrina formalizada numa estratégia declarativa, que assegura a unidade de visão entre os executantes e alerta o inimigo potencial.

Progressivamente, o vínculo entre a estratégia e as operações vai se distender: a estratégia operacional terá concorrência, ver-se-á ameaçada, até mesmo suplantada, pela arte operacional.

## 57 – Operacional

Este novo escalão começa a ser delineado na Alemanha, ao final do século XIX. Os autores, em especial Verdy du Vernois e von Falkenhausem, criticaram a focalização das definições da tática

76. Atualmente está em curso uma mudança completa. Em 1995, o Estado-Maior das Forças Armadas divulgou o Conceito de Emprego de Forças.

77. Lucien Poirier. *Stratégie théorique II*, p.115.

78. Jacques Laurent. “Un outil pour la pensée militaire soviétique”, pp. 58 e 76. Definições da *Encyclopédie militaire soviétique*.

79. Definição dada pela Instrução Provisória de 27 de junho de 1994.

e da estratégia em cima da batalha e chamaram a atenção para as ações baseadas no movimento. Verdy desejava “*ver ampliadas, o mais possível, as bases sobre as quais repousam hoje a tática e a estratégia e completar estes dois ramos das ciências militares por um ensino relativo à condução das tropas... desde o pelotão... até a direção do exército*”<sup>80</sup>; von der Goltz generalizou a distinção entre tática e operações que ele fundamentava em um critério de dimensão: as operações cobriam os movimentos das grandes formações. Certos autores as identificavam simplesmente com a estratégia, outros definiam o *operativ* como *os movimentos chegando à batalha* (General Wetzell, 1937)<sup>81</sup>. Pode-se perguntar se não se trata, em princípio, de uma sistematização da antiga logística.

O conceito de arte operacional é considerado como invenção dos teóricos soviéticos nos anos 1920<sup>82</sup>. Mas é possível que se possa remontar a períodos anteriores. A idéia, e também a palavra, já apareciam desse modo desde o início do século. Em 1917, o General espanhol Ricardo Burguete distingue desta maneira “*a ruptura tática, obtida em uma frente de combate, por meio de um forte ataque frontal (e) a ruptura operacional, obtida sobre um dispositivo de conjunto, quando, por um combate, consegue-se desorganizá-lo*”. *A ruptura operacional deve, “por meio de golpes rápidos como o relâmpago, bater os grupos próximos, um após o outro”*<sup>83</sup>. O autor considera que a ruptura tática tornou-se impossível, ou pelo menos muito difícil, que a ruptura operacional não pode mais ser obtida pelos métodos napoleônicos e que o resultado somente poderá vir da acumulação de rupturas intermediárias entre a tática e o operacional. Idéias semelhantes serão reconhecidas no discurso soviético. Este precursor espanhol esquecido expõe a qual ponto é necessário voltar para estabelecer a genealogia dos conceitos ligados aos conflitos.

Na Rússia soviética, o inventor do conceito da arte operacional parece ter sido Alexandr Svechin, em uma série de conferências proferidas na Academia Militar em 1923-1924. Uma cadeira sobre a condução das operações é criada em 1924, e uma intensa reflexão teórica é levada por N.E. Varfolomeev, primeiro titular da cadeira, por M.N. Toukhachevsky, G. Isserson<sup>84</sup> e, sobretudo, por V.K. Triandafillov, que dedica ao tema um ensaio reconhecido hoje como um clássico: *Kharakter operatsii sovremennykh armii* (*A natureza das operações dos exércitos modernos - 1929*, tradução inglesa 1990). Esta escola parte da idéia de que a extensão das frentes torna doravante impossível a destruição do inimigo por uma única batalha. Aquela só pode ser obtida, a partir de então, por uma série de operações sucessivas ligadas entre si. A arte operacional (*operativnoe iskusstvo*) restabelece, assim, a união entre tática e estratégia, como disse Svechin: “*Assim, a batalha é o meio da operação, a tática é o material da arte operacional. A operação é o meio da estratégia e a arte operacional é o material da estratégia*”<sup>85</sup>. Nos anos 1970, a *Enciclopédia Militar Soviética* definiu a arte operacional como “*a teoria e a prática da preparação e da condução das operações interforças (interfrotas) combinadas e*

80. Verdy du Vernois. *L'art de conduire les troupes*. 2.ed. Bruxelles, Muquardt-Dumaine, 1875. vol. I, parte III, 1875, p.209.

81. Herbert Rosinsk. *La structure de la stratégie*.

82. A riqueza do pensamento militar soviético entre as duas guerras mundiais foi revelada a partir dos anos 1980, suscitando uma admiração surpreendente. Duas contribuições dominam uma literatura abundante. Shimon Naveh, em *Pursuit of Military Excellence: the Evolution of Operational Theory*. Londres, Frank Cass, 1997, de uma erudição imensa, é quase cômico em sua obsessão de exaltar os teóricos soviéticos e de rebaixar os seus rivais alemães, que, privados do conceito da arte operativa, não teriam compreendido coisa alguma da guerra moderna. Richard W. Harrison, *The Russian Way of War: Operational Art 1904-1940*. Lawrence: University Press of Kansas, 2001, é, pelo menos tão brilhante e mais comedido. Além disso, ele demonstra bem a herança da Rússia imperial, de Leer a Nezmanov.

83. Ricardo Burguete. *La Ciencia militar ante la guerra europea*. Barcelona, Maucci, 1917. pp. 194 e 210-212.

84. Isserson redigiu, ao início dos anos 1930, um ensaio sobre os fundamentos das operações em profundidade (*Osnovy Glubokoi Operatsii*, 1933) que permanece inédito. R. Harrison o considera pelo menos tão importante quanto o livro de Triandafillov, mas os russos ainda não o publicaram.

85. Citado por Jacob W. Kipp no prefácio da obra de V.K. Triandafillov, *The Nature of Operations of Modern Armies*. Londres, Frank Cass, 1994. p.XV.

*autônomas, levadas a cabo pelas grandes formações dos diversos tipos de forças*” (corpos de exército, exércitos, grupos de exércitos<sup>86</sup>, esquadras...). Ela acrescenta: “na teoria militar de inúmeros países estrangeiros, no lugar do termo *arte operacional*, utiliza-se a expressão *grande tática* ou *pequena estratégia*”<sup>87</sup>.

Esta inovação teórica ficou por muito tempo despercebida nos países ocidentais, com a exceção da Alemanha, onde o conceito de arte operacional (*operativ Kriegskunst*) impõe-se a partir dos anos 1930, com ainda mais facilidade com que o pensamento militar alemão utilizava largamente o conceito de operações. A expressão grande tática, antigamente empregada por Guibert e Jomini, depois caída em desuso, foi introduzida de novo no vocabulário anglo-saxão por Lidell Hart, mas ela encontrou menos eco que a grande estratégia. Durante várias décadas, a superioridade material dos Estados Unidos quase esterilizou a reflexão sobre as operações. A arte operacional implantou-se no vocabulário norte-americano depois dos vigorosos discursos de defesa como os de Edward Luttwak<sup>88</sup>. A US Army adotou-a em 1982, a US Navy imitou-a recentemente, com um critério bastante contestável, em seu documento doutrinário, *2020 Vision. A Navy for the 21<sup>st</sup> century*: as opções estratégicas têm por propósito “*quebrar a vontade do inimigo ou modificar as suas intenções*”; as opções operacionais atacam *a infra-estrutura do inimigo, os componentes militares e civis, no setor industrial, que permitem às suas forças combater eficazmente; as opções táticas têm por objetivo “vencer as forças militares do inimigo no campo de batalha”*<sup>89</sup>. A distinção entre opções estratégicas e opções operacionais parece bastante artificial.

Reencontra-se esta articulação ternária na China, com *chan-i* (*chan* significa guerra; *i* significa batalha), posicionado entre *chan-lue* (política de guerra, que substituiu o “*bing-fa*” dos antigos) e *chan-shu* (combate de guerra, tática). Desde 1936, Mao Tse-Tung introduzia uma “*ciência das campanhas*” entre a estratégia e a tática<sup>90</sup>.

---

86. Na terminologia militar soviética são denominadas de “frentes” (*fronts*).

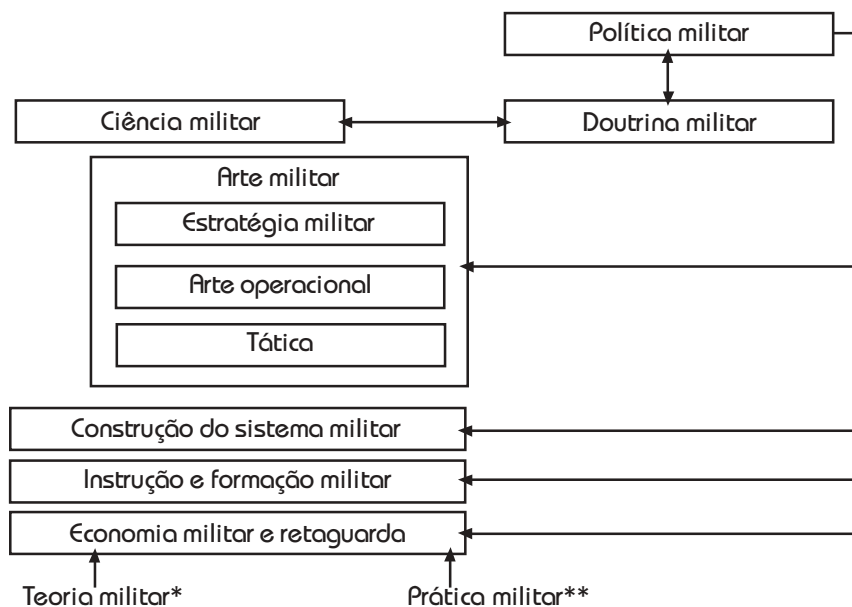
87. Jacques Laurent. “Un outil pour la pensée militaire soviétique”, p.85.

88. Edward Luttwak. “The Operational Level of War”, em sua compilação de artigos *Strategy and History*. New Brunswick-Oxford, Transaction Books, 1985. Herbert Rosinski tinha clamado, nos anos 1950, por uma estratégia de campo, com argumentos bem próximos.

89. *2020 vision. A Navy for the 21<sup>st</sup> Century*.

90. Mao Tse-Tung. *Écrits militaires*. Pequim, Edições em línguas estrangeiras, 1964. p.88-89.

## UNIÃO SOVIÉTICA – CAMPO MILITAR



\*Cada nível comporta uma teoria, que estabelece as leis, os princípios e os métodos que o regem, e uma prática que assegura o seu emprego.

\*\*A partir de Jacques Laurent, *Un outil pour la pensée militaire soviétique*, pp. 48-49.

Na França, o General Beaufre diferenciou claramente, em sua obra *Introduction à la Stratégie*, as operações da batalha. As primeiras são “o conjunto de dispositivos e de manobras” destinados a “engajar a batalha nas condições mais favoráveis”<sup>91</sup>, mas ele não intercalou o nível operacional entre a estratégia e a tática; pareceu esboçar uma distinção ternária em uma obra posterior, porém a propósito da arma nuclear tática<sup>92</sup>, sem verdadeiramente explicitá-la. Depois dele, o General Poirier advogou por um “operático”<sup>93</sup>. Este conceito considerou, em particular, a criação do estado-maior interforças. O nível operacional é aquele “no qual uma operação é planejada, conduzida e apoiada, para atingir um objetivo estratégico em um teatro de operações. É o nível de combinação das ações interforças neste teatro sob a responsabilidade do comandante de teatro.”<sup>94</sup>

91. André Beaufre. *Introduction à la Stratégie*, p.50.

92. André Beaufre. *Stratégie pour demain. Les problèmes militaires de la guerre moderne*. Paris, Plon, 1972 pp. 124-127.

93. Lucien Poirier. *Stratégie théorique II*, p. 161. O neologismo foi forjado pelo General Alain Bru, que o sugeriu a Poirier na época em que eles estavam servindo juntos no CPE.

94. Cf. Glossário interforças de termos e expressões que tratam do emprego das forças e das operações, e Coronel Francart, “Place du niveau opératif dans la réflexion militaire actuelle”, *Objectif 21. Revue du Commandement de la doctrine et de l’entraînement de l’armée de Terre*, 2, 1<sup>o</sup> trimestre de 1996.

A arte operacional é fundamentalmente “interforças”: no escalão exército ou grupo de exércitos, é imperativo prever a coordenação das forças terrestres e aéreas, ou aéreas e navais. Entretanto, os soviéticos previam artes operacionais adequadas para cada tipo de força, inclusive uma arte operacional da retaguarda e uma arte operacional da defesa civil. Mesmo hoje, as operações de envergadura podem ser confiadas apenas a um só tipo de força, em razão da natureza da missão ou do terreno.

## 58 – Tática

A tática é a instância dos escalões inferiores que vão conduzir e executar os engajamentos dentro do quadro prescrito pela estratégia operacional para atingir os objetivos fixados pela estratégia geral, com o fim de realizar os propósitos últimos da política. Ela não está mais necessariamente limitada à condução do combate, e pode, também, incluir a sua preparação: o Coronel Lewal tinha chamado a atenção, nos anos 1870, para a diversidade das subdivisões da tática, a que ele atribuía nomes pitorescos: a “sullégétique” (tática de mobilização), a “machétique” (tática de combate), a “proégétique” (tática de marcha), a “stratopédie” (tática de repouso)<sup>95</sup>... Como esse vocabulário pomposo felizmente não sobreviveu, resta a Lewal pelo menos o mérito de ter concebido uma tática que engloba, além do momento paroxístico, que é o combate, todo o “detalhe da guerra”, evolução necessária desde que a logística perde seu sentido inicial. Aliás, pode-se observar que esta ampliação não prejudica necessariamente o critério do combate: simplesmente, no lugar de dizer, como Jomini, “tática durante o combate”, entende-se como “tática durante e para o combate”, as circunstâncias em que a vitória pode ser obtida sem combate sendo muito raras para invalidar este critério fácil (pelo menos no quadro de uma estratégia de ação). Depois de Lewal, o General lung propôs uma definição que permanece amplamente válida:

A tática militar constitui então o conjunto de dispositivos aptos a fixar o emprego judicioso dos homens, dos meios e dos ambientes para um propósito imediato dado.<sup>96</sup>

Os soviéticos definiam a tática como *a teoria e a prática da preparação e da condução do combate de pequenas unidades, dos regimentos (ou navios) e das grandes unidades dos diversos tipos de forças das Forças Armadas, das armas e das tropas especiais*<sup>97</sup>. Definição muito ampla que realça duas idéias-força:

1 – Assim como a estratégia, a tática tem duas faces, teórica e prática: os estrategistas tendem, com muita frequência, a desdenhar da teoria da tática, que eles consideram, injustamente, como sendo da competência só dos técnicos, enquanto ela supõe, na realidade, uma reflexão muito mais elaborada. Na época contemporânea, a fascinação pela técnica reforçou ainda tal desinteresse. Clausewitz, como bom árbitro, não compartilhava de tal concepção e propunha-se a completar Vom Kriege com um tratado de tática, que ele não teve tempo de escrever. O resultado é um indiscutível empobrecimento da teoria tática, tanto terrestre quanto naval, que acentuou a distância da teoria estratégica (esta é uma das explicações do

95. General Lewal. *Études de guerre. Tactique de mobilisation. Tactique de combat*. Paris, Librairie militaire Dumaine, 1875. p.3233.

96. General lung. *Stratégie, tactique et politique*, p.18.

97. Jacques Laurent, “Un outil pour la pensée militaire soviétique”, p.87.

recente êxito da arte operacional). Raros são aqueles que, como o Coronel Dupuy<sup>98</sup> e o Comandante Hughes<sup>99</sup> ou o Coronel Hubin,<sup>100</sup> empreenderam uma elucidação dos princípios da tática.

2 – A tática se manifesta no nível elementar, o das unidades de base (batalhões, regimentos, navios de guerra...), mas também em um nível mais elevado. A tática soviética se decompunha assim:

- \* tática geral
- \* tática dos tipos de forças (estratégicas, terrestres, de defesa aérea, aéreas, navais),
- \* tática das armas (cada tipo de força é dividido em armas),
- \* tática de tropas especiais (cada arma dispõe de tropas especiais, para as transmissões, engenharia, a logística<sup>101</sup>, os serviços...)

O crescimento e a diversificação dos meios logicamente ocasionaram uma ampliação considerável do espectro da tática. O General Poirier leva em conta esta crescente complexidade da condução do combate e da execução das operações quando define a tática como *arte de combinar, em operação, as ações de todos os meios militares*<sup>102</sup>. Mas tal ampliação, paralela à da estratégia, apresenta um problema teórico maior: se a tática engloba todas as ações em operações, onde colocar o operacional?

## SEÇÃO III – A ARTICULAÇÃO DOS NÍVEIS

### 59 – Política e estratégia

O título do livro principal de Clausewitz, *Vom Kriege* (Da guerra), assim como aquele da síntese de Jomini, *Resumo da Arte da Guerra*, sugerem o vínculo constante, que apenas será posto em questão de novo no século XX, entre a guerra e a estratégia, esta sendo muitas vezes identificada, da maneira mais simples, com a arte da guerra ou, mais exatamente no seu “estágio nobre”, com aquela da sua condução.

Além de todos os problemas que pode supor essa condução, a questão central é a das ligações entre o poder civil e a autoridade militar. O primeiro tem naturalmente a tendência de exceder sua esfera de competência para intervir na condução das operações, enquanto o segundo recusa qualquer ingerência. Este conflito de competência é encontrado em todas as sociedades. Ele já era enunciado por Sun Bin, um dos fundadores da ciência chinesa da guerra, em termos que continuam de uma perfeita atualidade:

---

98. Trevor N. Dupuy. *Numbers, Predictions and War: Using History to Evaluate Combat Factors and Predict the Outcome of Battles*. Indianápolis, Bobbs-Merrill, 1979, e *Understanding War, History and Theory of Combat*. Londres, Leo Cooper, 1992.

99. Wayne Hughes. *Fleet Tactics*. Annapolis, Naval Institute Press, 1986, que se apóia em um clássico francês hoje em completo esquecimento: Ambroise Baudry. *La bataille decisive*, 1914.

100. Coronel Hubin. *Principes tactiques*. Paris, Économica, 2000.

101. Os russos designam a logística de duas maneiras: *obespechenie* ou *material'noe obespechenie* (apoio ou apoio material) e *tyl* ou *tylovoe obespechenie* (retaguarda ou apoio de retaguarda).

102. Lucien Poirier. *Les Voix de la stratégie*.

Não se usurparão as prerrogativas do general. As ordens do soberano não devem passar as portas do campo, é isto que assegura a longevidade do general. Se as ordens passam as portas do campo, o general não sobrevive durante muito tempo e o exército não pode manter sua existência.<sup>103</sup>

Luís XV, no campo de batalha de Fontenoy, oferece um exemplo magnífico desse respeito pela autoridade suprema dos poderes do general. Ele faz calar todos aqueles que criticam o plano do Marechal de Saxe: “*Senhores, eu entendo que o senhor marechal seja obedecido por todo mundo. Aqui, é ele que comanda, e eu sou o primeiro a dar o exemplo de obediência*”<sup>104</sup>. Exórdio que se resume, às vezes, em um preceito que não foi pronunciado pelo rei, mas que poderia ter sido: “*Senhores, eu escolhi o chefe. Ele conduzirá a ação*”.

## 60 – Estratégia e tática

A distinção entre estratégia e tática não é tão clara como sugerem as definições clássicas. Mesmo a concepção minoritária, que identifica a estratégia com a concepção e a tática com a execução, é menos evidente do que parece. Tomada ao pé da letra, ela sugere que a estratégia precede a tática e lhe deixa o lugar a partir do momento em que o plano é colocado em ação, podendo intervir de vez em quando para reorientar a ação. Concepção insustentável evidentemente, que o Comandante Laurent tenta renovar falando de concepção e de condução geral<sup>105</sup>. Mas se aproximando da concepção majoritária, só ele recai no problema geral: onde passa a linha de demarcação entre a estratégia e a tática? Bülow e Jomini, diz-se, propunham um critério simples, o do combate. Mas, já ao início do século XIX, observadores perspicazes notavam que esta distinção tendia, às vezes, a confundir-se. Jomini realçava a existência de “*operações mistas que tomam parte da estratégia pela direção a ser-lhes dada, e da tática pela execução como a passagem de rios e riachos, as retiradas, período dos invernos, as surpresas, as invasões, os grandes comboios etc.*”<sup>106</sup>. O General Lamarque introduzia a idéia da “batalha estratégica” para designar as ações sucessivas formando apenas um conjunto<sup>107</sup>. Em um plano teórico, uma distinção tão clara podia ser aplicada quando a batalha constituía um acontecimento paroxístico, logo raro. A batalha napoleônica era determinada em algumas horas, no máximo em alguns dias, como em Leipzig.

A guerra de 1870 se prende ainda a este modelo antigo, mas a distinção entre a batalha e os períodos de manobra ou de repouso relativo já tende a confundir-se bastante. Segundo o preceito judicioso do Coronel Culmann, “*a duração da batalha, na medida do alongamento das frentes, corresponde cada vez menos à duração do combate*”<sup>108</sup>. É significativo observar que o ensino dado sobre a matéria na Escola Superior de Guerra, a partir dos anos 1880, intitulou-se Curso de Estratégia e de Tática Geral, afirmação simbólica da continuidade entre as duas dimensões puramente militares. O General Lewal sustenta com veemência a unidade da ciência

---

103. Sun Bin. *Le Traité militaire*, p.87.

104. Jean-Pierre Bois. *Fontenoy 1745. Louis XV, arbitre de l'Europe*. Paris, Économica, Campagnes et stratégies, 1996. p74.

105. Major Laurent. *Introduction aux études de stratégie*. Paris, Service Historique de la Marine, 1927. p.5.

106. Henri-Antoine Jomini. *Précis de l'art de la guerre*, p.80.

107. Artigo “Batailles” da *Encyclopédie moderne*, citado em J. Rocquancourt, *Cours élémentaire d'art et d'histoire militaires*. Paris, Anselin et Laguionie, 1837, tomo III, p.378.

108. Coronel Culmann. *Stratégie*, p.28.

da guerra: “*As mesmas regras são aplicáveis tanto à pequena operação quanto à grande. Ambas se apoiam sobre os mesmos princípios*”<sup>109</sup>. Ao final do século XIX, a idéia que se propaga é a de que a estratégia e a tática são reguladas por regras semelhantes e que os princípios da primeira podem ser transpostos para a segunda. Camon faz questão assim de mostrar a unidade da manobra de Napoleão nos dois planos.

ESTRATÉGIA	TÁTICA (batalha)
Distinção entre o teatro principal e os teatros secundários onde os efetivos são proporcionados à ligação mais ou menos estreita com o teatro principal.	Distinção entre um campo principal e um campo secundário.
Demonstração inicial para atrair o inimigo para o teatro secundário.	Demonstração inicial para atrair o inimigo para o campo de batalha secundário.
Enfraquecimento prévio do inimigo por meio de manobra em suas retaguardas.	Enfraquecimento prévio do inimigo por meio de ataque, de desbordo ou de cerco.

General Camon, *La guerre napoléonienne*, p.382.

A analogia entre os dois níveis não deve, entretanto, resultar em uma identificação pura e simples. Ainda que muitas vezes arbitrária, a distinção entre estratégia e tática é, como disse um dos grandes pensadores do final do século XIX, o General von der Goltz, “*prática e útil. Ela permite indicar, pelo emprego de uma única palavra, de qual ação militar pretende-se falar; ela permite abraçar mais facilmente a teoria completa da guerra e seria bom não abandoná-la, ainda que muitas vezes o elemento estratégico e o elemento tático se confundam*”<sup>110</sup>.

Sobretudo, contrariamente ao que sustentava Lewal, as regras que regem a estratégia e a tática não são forçosamente as mesmas. Clausewitz sublinhou “*uma diferença completamente essencial entre tática e estratégia...A tática pode fazer um uso sucessivo das forças, enquanto a estratégia somente faz um uso simultâneo*” porque “*a intervenção de uma tropa relativamente descansada é um fator decisivo*” para o combate, enquanto “*um exército batido não pode ser vitorioso no dia seguinte com a ajuda de uma forte reserva*”<sup>111</sup>. No livro VI, dedicado à defesa, ele afirma que “*por uma parte, o sucesso estratégico é a preparação favorável da vitória tática... de outra parte, o sucesso estratégico consiste em saber servir-se da vitória obtida*”<sup>112</sup>. Um dos seus concorrentes, o prussiano Willisen, sistematizou as combinações entre ofensiva e defensiva estratégicas e entre ofensiva e defensiva táticas.

109. General Lewal. *Études de guerre* (1875), p.28.

110. Barão Colmar von der Goltz, *De la Conduite de la guerre*, pp. 3031.

111. Carl von Clausewitz. *De la guerre*, p. 216.

112. Carl von Clausewitz. *De la guerre*, p. 406.

	Formas fundamentais totais	a) Defensiva estratégica e defensiva tática	b) Defensiva estratégica e ofensiva tática	c) Ofensiva estratégica e defensiva tática	d) Ofensiva estratégica e ofensiva tática
R E S U L T A D O	a) No caso de batalha ganha	Situação absolutamente indecisa	Vitória no campo de batalha sem resultado para o conjunto da campanha ou da guerra	De uma maneira geral está em situação de obter a vitória, mas ela não terá resultado, estando o inimigo em condições de continuar a lutar	Destruição do inimigo, conquista do seu território
	b) No caso de batalha perdida	Destruição das forças, perda de território	Retirada, com o propósito de retornar à ofensiva tática	Estará em estado de evitar as consequências da derrota, tomando uma posição estratégica favorável	Renunciará momentaneamente em continuar os empreendimentos iniciados

Karl-Wilhelm von Willisen, *Théorie de la grande guerre*

Von der Goltz, ao final do século, advertiu justamente contra o caráter simplificador de um tal esquema: *“Quando nos entregamos às pesquisas teóricas sobre a guerra, existe o inconveniente de calcularmos antecipadamente os resultados obtidos por tal ou qual procedimento. Deixamo-nos facilmente influenciar e nutrir uma confiança e esperança enganosas”*<sup>113</sup>. Certas ofensivas táticas, dentro do quadro de uma defensiva estratégica, podem ter consequências estratégicas decisivas, mesmo em caso de sucesso (Denain, ofensiva tática de um exército condenado à defensiva estratégica, salva a França na Guerra da Sucessão da Espanha) ou revés (o revés alemão em Kasserine, na primavera de 1943, marca o último sobressalto do eixo alemão-italiano na África). Em sentido contrário, as vitórias ou derrotas táticas podem ficar sem consequências estratégicas (Frederico II conseguiu amortecer o choque de várias batalhas perdidas durante a Guerra dos Sete Anos). O efeito estratégico de um resultado tático não é sempre automático.

Além disso, von der Goltz estima que situações como a defensiva estratégica combinada com a ofensiva tática e a ofensiva estratégica combinada com a defensiva tática acontecem raramente *“A regra é que a ofensiva estratégica deve ser sucedida pela ofensiva tática e que, do mesmo modo, a defensiva estratégica tem por consequência a defensiva tática”*<sup>114</sup>. Porém, encontra-se assim mesmo um bom número de exemplos de ofensivas táticas realizadas em uma situação de defensiva estratégica: a campanha de Napoleão de 1814 é o maior exemplo disso. Ao contrário, durante a guerra de 1870, Moltke conduz uma ofensiva estratégica ao atacar a linha de comunicações (e de retirada) do Exército francês, assim como em Sedan e em Metz, mas uma vez instalado no local, ele adota uma defensiva tática, esperando o ataque francês em posições escolhidas por ele<sup>115</sup>.

De um modo geral, pode-se dizer que a estratégia e a tática se distinguem pelas perspectivas diferentes, como Antoine Grouard o sublinhou a propósito da *“escolha do ponto de ataque decisivo. As primeiras (as considerações táticas) levam a atacar o ponto mais fácil de*

113. Barão Colmar von der Goltz. *De la conduite de la guerre*, p. 32.

114. Barão Colmar von der Goltz, *De la conduite de la guerre*, p.37.

115. Trevor N. Dupuy. *Understanding War*, p.3.

*tomar pela força, as outras (as considerações estratégicas), aquele cuja posse terá as maiores consequências*”<sup>116</sup>. O General lung expressava a mesma idéia em termos mais gerais:

A tática só difere da estratégia pelo propósito. Seus meios de ação são parecidos. Seu propósito único não é o mesmo. Na estratégia, ele nunca é imediato; na tática, ele é sempre.<sup>117</sup>

Mas o problema se complica ainda mais com a introdução de um terceiro termo.

61 – Estratégia – Operacional – Tática

Uma das mais graves conseqüências da mudança da arte da guerra, de um ponto de vista teórico, é a imprecisão crescente dos conceitos, esquecidos da sua razão de ser: alguns não fazem diferença clara entre a estratégia operacional e a operativa (*opératique*), outros concebem esta última como uma simples tática ampliada. Vários autores tentaram ultrapassar essas apreciações para propor classificações sistemáticas.

1 – o General Foertsh, pouco antes da Segunda Guerra Mundial, constituiu um quadro da articulação entre os três níveis cujo belo arranjo é muito persuasivo.

	Dependem de	e são efetuados por	sob o comando de
Engajamentos simples	Tática	As unidades de base até as divisões e os corpos de exército	Oficiais de linha
Batalhas		Os corpos de exército e os exércitos	
Campanhas	Operacional	Os exércitos, os grupos de exércitos e todos os componentes das Forças Armadas	Grandes Subordinados
Guerra			
	Estratégia	O conjunto das Forças Armadas	Comandante-em-chefe

Fonte: Herman Foertsch, *The Art of Modern Warfare*, New York, Veritas Press, 1940, p. 20

Esta classificação não dá conta em verdade de uma realidade infinitamente mais complexa e instável. As fronteiras entre cada nível variam constantemente em função dos efetivos engajados (pode-se fazer estratégia com forças reduzidas, o operacional com uma única divisão...), da complexidade e da cadência das ações a conduzir. Não é uma questão orgânica ou hierárquica, ou uma diferença extensa do que é só superficial e variável (o que era estratégico no

116. Antoine Grouard. *Stratégie*, p.18.

117. General lung. *Stratégie, tactique et politique*, p. 305.

século XIX torna-se operacional na época do motor, e até mesmo tático na era dos mísseis intercontinentais), mas uma diferença funcional, que persiste no meio das desordens políticas ou técnicas: cada categoria deve ter uma lógica própria.

2 – Herbert Rosinski, nos anos de 1950, propôs uma classificação que tem o mérito da coerência e que responde a esta exigência. No topo, fica a política, encarregada da coordenação dos diferentes ramos da condução da guerra ou do conflito. Abaixo vem a estratégia, em sua dimensão tradicional, que dispõe de dois instrumentos: o operacional (não é nenhum abuso traduzir assim as *Operações* de Rosinski) e a tática.

A estratégia, nesta acepção, é a coordenação de todos os meios militares com vistas à realização do propósito militar da guerra, isto é, do êxito militar necessário à realização do objetivo perseguido pela política. Esse propósito militar variará em função do projeto político e das condições gerais e particulares de cada guerra, e a primeira tarefa da estratégia será, por conseguinte, avaliar corretamente a “natureza” de cada guerra e de escolher o propósito militar apropriado. Esta inclui não só a decisão fundamental de buscar vencer completamente a capacidade de resistência do inimigo ou de limitar-se a um dos diversos “propósitos limitados”, mas também a perseguição desse objetivo por meio de uma ação ofensiva ou defensiva, do mesmo modo que, no caso dos teatros múltiplos, a sua hierarquização e a repartição entre eles das forças disponíveis...

A partir disso, a estratégia dispõe de dois modos para atingir os seus objetivos: o movimento e o combate, a operacional e a tática. A operacional visa à derrota do inimigo, encurralando-o em uma posição desfavorável, no extremo sem saída, enfraquecendo e desorganizando seu poder de golpear no decorrer do seu avanço. A tática visa à derrota do inimigo pela aniquilação física de suas forças ou destruição da sua coesão orgânica ou moral. A operacional e a tática são, por conseguinte, fundamentalmente coordenadas, no sentido que elas são, dentro de uma certa medida, substituíveis e que a derrota do inimigo pode ser buscada tanto pela operacional como pela tática, segundo as exigências da situação concreta, as condições gerais da época ou as especificidades do espírito nacional. Nos casos extremos, como a célebre campanha de César em Ilerda ou a campanha de Napoleão em Ulm, em 1805, a operacional pode ser suficiente para manipular o inimigo até encurralá-lo em uma posição onde ele seja obrigado a depor as armas, sem mesmo tentar utilizá-las. Mas tais casos são absolutamente excepcionais, e o combate será normalmente necessário, seja no caso de uma ação a partir de uma posição dada, para abrir um caminho para a manobra e para a arte operacional (batalha de El Alamein), seja para confirmar o sucesso obtido por elas. O combate sozinho é, por outra parte, inconcebível. Mesmo que uma luta pudesse concentrar-se em uma única batalha, o avanço na direção dela traria, necessariamente, um elemento de movimento e logo de operação dos dois lados.

Assim, enquanto a estratégia é o conjunto, sendo relativa ao dispositivo e à direção geral das forças, a operacional é apenas uma parte, a que visa à derrota do inimigo em primeiro lugar pelo movimento. A operacional é sempre mais do que simples movimentos na direção de um ponto mais favorável ou mais decisivo; trata-se de movimentos dirigidos.<sup>118</sup>

A classificação de Rosinski data do fim dos anos de 1940. Ela se faz notar por uma definição de estratégia limitada ao campo militar, que os autores ulteriores abandonaram por uma concepção ampla, dizendo respeito a todos os campos, que eles denominaram com diver-

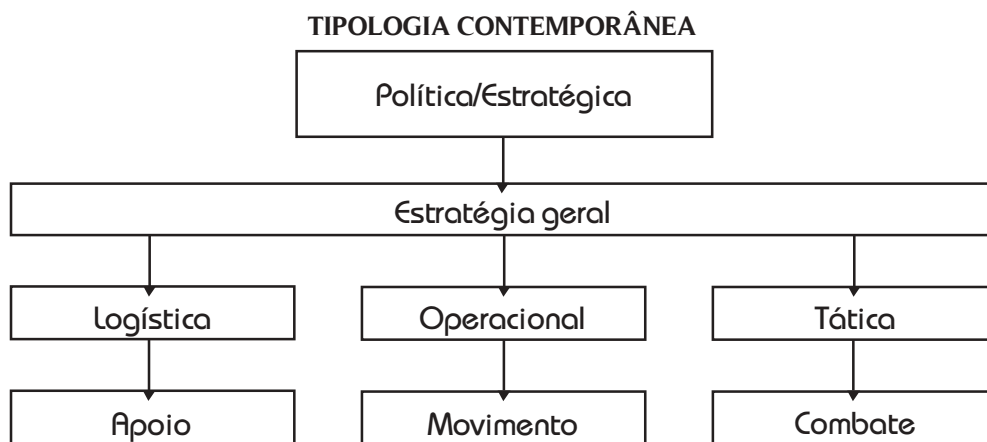
---

118. Herbert Rosinsk. *La structure de la stratégie*.

sozinhos: estratégia geral, grande estratégia, até chegar ao último resultado, constituído pela estratégia total ou integral (infra nº 253). Ela não é menos significativa por sua preocupação em tornar claros e classificar os conceitos, atribuindo a cada um deles um lugar e uma lógica. Portanto, o deslocamento das forças de um teatro para outro constitui um movimento estratégico (a meia-volta do Grande Exército, em 1805, que abandona as costas da Mancha para marchar contra a Áustria); o posicionamento sobre uma “linha interior” ou manobra na retaguarda do inimigo, com a intenção de desbordá-lo ou cercá-lo, constituem os movimentos operacionais (o cerco do exército do General Mack em Ulm); o ataque pelas alas durante a batalha é um movimento tático (os exemplos são inúmeros).

3 – A distinção de Rosinski faz da operacional um meio da estratégia e opõe-na, pois, à tática. Mas pode-se opor, também, a operacional à estratégia. A distinção entre estratégia e operacional, no caso somente verdadeiramente estudada na época contemporânea, foi sugerida, claramente, por Clausewitz, que retém uma distinção em função do conteúdo político ou militar do problema exposto. O nível estratégico é, nesse caso, o do plano de guerra, no qual a dimensão política predomina. O nível operacional é aquele do plano de campanha, que se fundamenta em considerações militares. Clausewitz apenas forjou essa concepção, uma vez que chegou ao estado último do seu pensamento, o que explica ela somente aparecer de modo alusivo em *Vom Kriege* e ser preciso procurar sua formulação mais clara em uma carta endereçada a um dos seus amigos:

A guerra não é um fenômeno independente, mas a continuação da política por outros meios. Em consequência, as grandes linhas de todo plano estratégico são, por natureza, amplamente políticas, e quanto mais o plano se aplique à campanha inteira e ao Estado todo, mais este caráter político cresce. Um plano de guerra provém diretamente das condições políticas dos dois Estados, como de ações tomadas de suas relações com terceiras potências. Um plano de campanha resulta do plano de guerra e, com frequência, caso exista só um teatro de operações, pode até confundir-se com ele. Mas o elemento político impregna inclusive os diferentes componentes de uma campanha; raramente ele existirá sem influir sobre os grandes acontecimentos da guerra como uma batalha... Deste ponto de vista, ele não pode ser questão de uma avaliação puramente militar de um grande problema estratégico, nem de uma solução puramente militar.<sup>119</sup>



119. Carta de Clausewitz a von Roeder, de 22 de dezembro de 1827, citada por Peter Paret na edição norte-americana de *Vom Kriege*, *On War*, 1984, p7.

Uma tal abordagem apresenta a vantagem de fixar solidamente a estratégia à política. **A estratégia considera uma situação em todas as suas dimensões, enquanto a operacional se liga a uma só dimensão, o emprego das forças.**

## 62 – Relativismo das categorias

Toda classificação é impressionista e, portanto, sujeita a críticas. É necessário, ou mesmo somente judicioso, intercalar a operacional entre a estratégia e a tática? Pode-se dissociar os movimentos e o combate quando eles estão estritamente ligados, senão imbricados? A tais questões pode-se objetar que um conflito de longa duração, como foram as duas guerras mundiais, não é uma continuação ininterrupta de combates e que a ampliação das frentes dá uma importância crescente aos movimentos: a guerra mecanizada consagrou a restauração do primado da mobilidade e justificou o reconhecimento de um nível suplementar fundamentado no movimento.

Naturalmente, pode-se também preferir a manutenção do díptico tradicional, com uma tática ampliada. O próprio Rosinski propôs uma distinção que tem o mérito da simplicidade: *a estratégia é a direção global do poder, a tática é a sua aplicação imediata*<sup>120</sup>, entendendo-se “imediata” não no seu sentido comum (que se faz logo), mas no seu sentido original: que é sem intermediário. Uma tal definição obedece à regra de economia dos conceitos, ao princípio da parcimônia de Guilherme de Ocan, *“as entidades não existem para multiplicar sem necessidade”*, com dois “blocos de competência” bem distintos. Uma abordagem assim não permite refinamentos metodológicos excessivos, mas tem o imenso mérito de ser compreensível e utilizável pela grande maioria e por homens de ação pouco inclinados às sutilezas das pesquisas conceituais.

A única obrigação é a da coerência: não se pode simultaneamente introduzir uma nova categoria e estender o campo das outras duas: uma definição ampla da tática, não limitada ao combate, exclui necessariamente a operacional. O mérito principal desta é provavelmente de natureza burocrática. No momento em que o poder civil pretende enquadrar mais estreitamente a reflexão estratégica e dizer qual deve ser a estratégia de uma nação, a operacional permite aos militares livrar-se do quadro bastante estreito da tática e falar livremente de problemas que seriam qualificados antes de estratégicos.

Em qualquer hipótese, a operacional não é uma categoria universal. A tática apareceu muito cedo, mesmo no caso da ética heróica ter, com frequência, obstruído o seu desenvolvimento. A estratégia seguiu, com muito atraso, para tornar-se permanente e pensada a partir do século XVIII (supra nº 20): havia antes uma prática estratégica, mas ela era quase sempre puramente empírica, apenas dava lugar a reflexões pessoais (infra cap. III). A operacional é ainda mais recente e sua transposição para as campanhas do passado é amplamente artificial. Como disse Herbert Rosinski, *“mesmo se nós encontrarmos exemplos isolados de operações, às vezes muito bem-sucedidas, em todas as épocas e sob todas as condições, as condições gerais da avaliação da localização de um adversário eram demais incertas para permitir o planejamento de ações a grandes distâncias”*<sup>121</sup>. A deslumbrante campanha de Napoleão de 1805 não deve ocultar tal realidade.

Qualquer que seja a grade de análise adotada, deve-se sempre lembrar da advertência do próprio Rosinski sobre o relativismo das categorias:

120. Herbert Rosinsk. “New Thoughts on Strategy”, em B. Mitchell Simpson III, *War, Strategy and Maritime Power*. New Brunswick, Rutgers University Press, 1977. p. 64. Ele retoma uma idéia já expressa no século XIX, em especial pelo General lung, em *Stratégie, tactique e politique*, p.305.

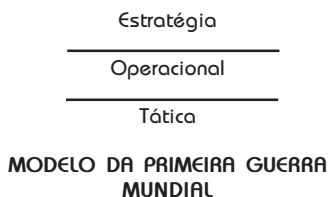
121. Herbert Rosinsk. *La structure de la stratégie*.

Nunca é demais salientar que tal tentativa de delimitação não pode pretender classificar a infinita complexidade e a variedade das formas militares em um jogo de caixas bem etiquetado. Tudo o que ela pode fazer é tentar esclarecer o uso de termos e conceitos em vigor quando isso é contraditório ou confuso e destacar um certo número de observações para um sobrevoo útil da matéria.<sup>122</sup>

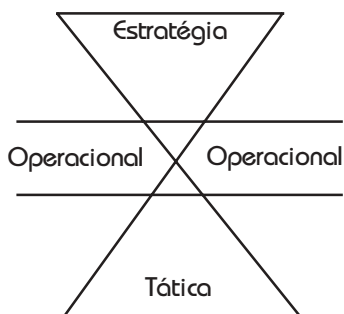
## 63 – Interpenetração crescente das categorias

Tal advertência deve ser guardada na mente com tanta mais força, a medida que a evolução contemporânea segue no sentido de uma interpenetração crescente das categorias. O General Carlo Jean deu uma representação expressiva (página seguinte) que sugere bem a complexidade crescente da condução dos conflitos modernos. O aumento do alcance dos armamentos, a dilatação e a aceleração das operações, a imbricação das atividades civis e militares nas crises e nos conflitos ditos limitados, o “*micro – management*” que conduz o poder político a intervir diretamente nas decisões operacionais, tradicionalmente da jurisdição da autoridade militar, acumulam-se para diluir os níveis: quando as modalidades de um golpe ou autorização para responder escapam ao comandante local para subir até ao poder político, não se sabe mais muito bem o que é da competência da tática ou da estratégia. É talvez uma das razões do recente sucesso da expressão modos de ação, que pode aplicar-se a qualquer um dos níveis.

As categorias não vão deixar de ser menos válidas teoricamente e úteis na prática: tanto à guerra, como ao teatro, a mescla de classes, às vezes, gera alguns equívocos. Mesmo com os meios de comunicações modernos, a distância torna mais difícil a avaliação das condições reais no terreno e pode levar a erros grosseiros. O exemplo mais caricato é, sem dúvida, o equívoco dos oficiais do Pentágono que, durante a crise do Golfo de Tonkin (1964), tinham confundido o Porta-Aviões *Constellation* com um avião do mesmo nome e enviaram uma mensagem para o navio ordenando-lhe que se mantivesse a uma altitude de 13.000 pés. Erros deste tipo não faltam. Mas não se pode impedir os analistas ou os conselheiros civis de atuar, em uma crise, como um pequeno Napoleão...



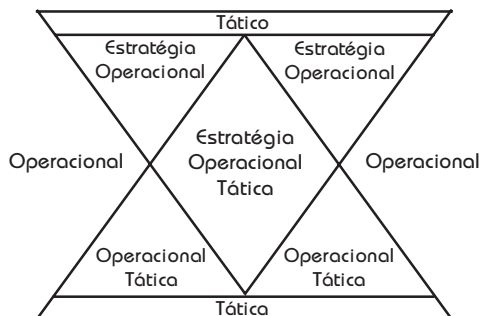
MODELO DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL



Modelo da Primeira Guerra do Golfo



MODELO DA BUTZKRIEG



Modelo da RMA (Revolução dos Assuntos Militares)

Fonte: Carlo Jean, *Guerra, estratégia e sicurezza*, p77

122. Herbert Rosinsk. *La structure de la stratégie*

